

# O BILHETE PREMIADO

PAULO GALVÃO

2ª impressão



© 2010 Paulo Galvão

Diretor editorial  
*Marcelo Duarte*

Coordenadora editorial  
*Tatiana Fulas*

Assistente editorial  
*Vanessa Sayuri Sawada*  
*Juliana Paula de Souza*

Assistente de arte  
*Alex Yamaki*

Projeto gráfico  
*Ana Miadaira*

Capa  
*A+ Comunicação*

Ilustração da capa  
*Allan Rabelo*

Preparação  
*Alessandra Miranda de Sá*

Revisão  
*Ana Paula Santos*  
*Ana Maria Barbosa*

Impressão  
*RR Donnelley*

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

G173b

Galvão, Paulo  
O bilhete premiado / Paulo Galvão. – São Paulo: Panda Books, 2010. 124 pp.

ISBN: 978-85-7888-041-5

1. Literatura infantojuvenil. I. Título.

---

09-6466

CDD: 028.5  
CDU: 087.5

2011

Todos os direitos reservados à Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./ Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

blog.pandabooks.com.br

Visite também nossa página no Facebook e no Orkut.

A meus pais, Galvão e Ana Maria, grandes  
exemplos e incentivadores.



# SUMÁRIO

1.	Um dia que começou mal	6
2.	Mais que uma amiga?	11
3.	Amigo para todas as horas	16
4.	A garota dos sonhos	27
5.	Uma aula de como <i>não</i> xavecar	30
6.	Vizinho barra-pesada	37
7.	Tragédia em frente ao colégio	41
8.	Lutando contra o preconceito	44
9.	Do céu ao inferno em minutos	53
10.	Maldito esqueminha	60
11.	Jogada de mestre	74
12.	Escapada providencial	87
13.	Tudo em família	91
14.	Bilhete em boas mãos	97
15.	Uma coisa diferente	103
16.	Mudança de comportamento	106
17.	Um novo Jorginho	111
18.	Difícil decisão	116
	O autor	124

# UM DIA QUE COMEÇOU MAL

Dez e 35 da manhã. O segundo sinal acabara de soar. Terminava mais um recreio no colégio Santa Catarina, tradicional instituição de ensino frequentada pela classe média paulistana. Aquele sinal ecoava cinco minutos após o primeiro. Os alunos já deveriam estar em silêncio, aguardando o início da aula, mas não era o que se via naquela manhã, no primeiro ano A do ensino médio. Os estudantes estavam na classe, mas o professor ainda não havia chegado. A bagunça era generalizada.

A cena era comum às quintas-feiras. Os alunos sabiam que cinco minutos não eram suficientes para o deslocamento do professor Horácio, que vinha da sala dos professores. Ele não era exatamente gordo – estava um pouco acima do peso, talvez. Era um sujeito bravo, exigente, meio ranzinza, mas não um mau professor. Lecionava História.

Papéis amassados voavam de um lado para o outro. Jorginho mantinha-se quieto. Era um dos poucos que não participavam da zona naquele dia. Catava, uma a uma, as bolinhas que caíam a sua volta. Tinha umas sete ou oito em cima da mesa.

De repente, a colega estrategicamente postada na porta da sala deu o alerta:

– O professor Horácio está vindo. Ele está vindo!

Do aviso à efetiva chegada do professor passavam-se, em geral, dez segundos. Jorginho, quieto até então, resolveu dar início a mais um showzinho. Era do tipo que gostava de aparecer. De posse de farta munição, passou a lançar as bolas de papel para todos os cantos da sala, sob o olhar incrédulo dos colegas.

Jorginho era inconsequente. Calculou mal o tempo que teria para lançar sua artilharia. Quando se preparava para arremessar a última bola, foi interrompido por um berro que vinha da porta:

– Jorge Augusto!

Jorginho estancou com a bola de papel na mão. A posição do braço, no alto, inclinado para trás, não deixava dúvidas sobre a intenção. A última bolinha que ele havia lançado ainda rolava na frente da classe.

– Sim, senhor – respondeu Jorginho, meio irônico.

– Posso saber o que está acontecendo aqui? Que bagunça é essa?

– Nada não, professor, apenas uma brincadeirinha pra começar bem a aula.

– Pois saiba que já estou farto dessas suas brincadeiras. E isso significa que você deve parar por aqui. Ou será que prefere se explicar para o diretor da escola?

A possibilidade de mais uma “visita” ao diretor caiu como uma bomba. Na última vez que Jorginho havia entrado naquela sala, à saída levava consigo uma suspensão de quatro dias e um aviso curto e grosso: “Na próxima, acho bom procurar outro colégio!”.

– Tudo bem, professor Horácio, mas não era só eu que estava zoando, não. E os outros? O senhor não fala nada?

– Que outros, Jorge? Quando entrei nesta sala, os alunos estavam em completo silêncio, exceto você, é claro! – ponderou o professor.

– Isso porque o senhor chegou atrasado à aula. Aliás, o que não é novidade – disse Jorginho. – Se o professor tivesse chegado uns trinta segundinhos antes, ia ver a baita zona que estava aqui.

– Olha aqui, garotinho, você está passando dos limites com essa sua petulância.

Da primeira fileira, a aluna mais cê-dê-efe da sala, Mariazinha, interrompeu:

– Isso mesmo, professor, apoiado. Esse garotinho está mesmo passando dos limites.

Jorginho não se conteve:

– Ô puxa-saco, vê se cuida da tua vida, tá!

Após desviar de algumas bolas de papel que se espalhavam pelo chão da sala, o professor Horácio sentou-se e começou a arrumar os pertences em cima da mesa.

– Muito bem, vamos começar a aula de hoje com uma pequena chamada oral sobre os assuntos abordados na semana passada.

O professor Horácio tinha uma forma peculiar e um tanto quanto arbitrária de “sortear” os estudantes que iriam responder às chamadas orais. Passava o dedo sobre a lista de alunos com o rosto voltado para cima. Uns



diziam que ele treinava em casa. Outros, que a relação tinha itens em alto-relevo e que o professor usava a técnica da leitura em braile. Havia ainda quem achasse que o professor Horácio contava com a colaboração de Mariazinha, sua fiel escudeira e, na visão de boa parte da classe, uma traidora de marca maior. O fato é que não falhava uma.

– Mariazinha, por favor, leia em voz alta: nome e número do aluno “sorteado”!

Mariazinha levantou-se com rapidez da carteira e leu, pausadamente, com ar de zombaria:

– Jorge Augusto dos Santos Ribeiro, número 12.

– Presente – respondeu Jorginho, provocando risos entre os colegas e uma expressão de reprovação no rosto do professor Horácio.

– Levante-se, por favor. Vamos à pergunta.

– Pode mandar!

– Um dos episódios marcantes da história do Brasil foi a Revolução Constitucionalista durante o governo provisório de Getúlio Vargas. Nesse cenário, quatro jovens paulistas morreram em maio de 1932 após um ataque à sede da Legião Revolucionária. As iniciais dos nomes desses rapazes foram usadas para denominar o clube cívico MMDC, que, mais tarde, prepararia a revolta armada iniciada em 9 de julho. Muito bem, Jorge, quero saber o significado dessas iniciais, MMDC.

– Não sei não, professor.

– Como não sabe? Falamos sobre isso na aula passada.

- Pois é, mas eu esqueci.
- Eu sei, professor – afirmou Mariazinha.
- Sei que você sabe, Mariazinha, mas não quero que responda. Já deu para perceber que não adianta continuarmos, não é? Muito bem, amanhã, Jorge, você virá à frente e fará uma explanação de cinco minutos sobre a Revolução de 32. Será que fui claro?
- Sim, senhor. Quer dizer, então, que o senhor não vai considerar esta chamada oral, certo?
- Errado – respondeu o professor.
- Como, professor Horácio? O senhor vai me dar um zero só porque não acertei uma perguntinha?
- Isso a gente discute na próxima aula, Jorge. Pode sentar.

Jorginho se ajeitou na carteira e permaneceu quieto o restante da aula. Foram quarenta minutos ouvindo o professor Horácio falar sobre o Levante Comunista de 35, embora sem absorver nada. Jorginho estava de corpo presente, mas o pensamento havia tomado outro rumo.